

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	29.º Anno — XXIX Volume — N.º 978	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Typ. do Anuario Commercial—Calçada da Gloria, 5
Portugal (franco de porte), m. forte...	3\$800	1\$900	\$950	\$120	28 DE FEVEREIRO DE 1906	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.—Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrangeiro (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		

A Catastrophe do "Aquidaban"



AS EXEQUIAS NA EGREJA DE S. DOMINGOS, POR ALMA DAS VICTIMAS DA CATASTROPHE DO «AQUIDABAN»

(Photographia feita expressamente para o OCCIDENTE, pelo sr. Benoliel)

Chronica Occidental

Quarta feira de cinzas. Pode um homem n'este tempo de gripes, ter passado todo o entrudo a tossir, fechado no quarto que deita para o quintal, pode, nos tres dias de entrudo, não ter visto uma mascarada, e só ter ouvido por acaso um grito de gaita mais aguda ou o zumbir d'uma cega-rega, pode ter até uma certa satisfação com o voltar dos dias quietos, este nome, quarta feira de cinzas, tem o seu quê de tristonho.

Será talvez de meditar no momento homo. Seja pelo que for.

Depois o céu encoberto também ajuda á tristeza. Durante os dias e noites de maior folia não se deu muito por isso, mas quando foi preciso voltar á vida em que se ganha maçadoramente o pão nosso, o céu arrelviador mostrou-se mais aggressivo, tornando mais difficil a victoria contra a preguiça.

Não sabemos se ainda é tempo de falar no entrudo que passou. Vê se um homem em pancas para lhe fazer a necrologia. Como sempre, como em tudo que do entrudo faz parte, houve muitas esperanças, muitas desilusões. Os carros enfeitados que trouxeram aquellas podem servir para levar estas, descarregal-as onde se precise de entulho.

Algumas excepções devia ter-havido. Existirá alguém no mundo, a esta hora, que se lembre com saudade das horas que passaram, d'uns olhos com que o olhavam, d'umas palavras murmuradas, d'um aperto de mão furtivo. Amores tem sempre bellos os primeiros capitulos, assim os outros lhe correspondessem e o epilogo sempre fere aquelle a que se referiu D. João VI quando adormeceu no theatro. ... Peço perdão, mas não vem a propósito, enganai-me. O que elle perguntava aos camaristas, quando, uma por outra vez, descerrava um olho, era se os bebados já tinham casado.

Falar d'estes, sim, é que vinha agora a propósito e las muitas bocas que sentem agora aquelle sabor a ferros velhos caracteristico.

Os que tem o maior gosto de se divertir com alegrias ruidosas, esses sobretudo, tiveram agora ensejo de expandi-las. Muitos outros fugiram, porque nem todos os nervos põem com tambores, zumbidos e desafinações de cornetins.

Andaram muitos por ahí divertidos, e quantos de janellas bem fechadas, não estariam, ao mesmo tempo, curtindo angustiosas dores! Porque, mais uma vez, havemos aqui de fazer considerações sobre os contrastes crueis que sempre na vida se encontram!

Já o bulicio começava nas ruas de Lisboa, já, por toda a parte, maguando os corações feridos, espolia a alegria hilariante, iam muitos atravessando a cidade, cumprindo um triste dever. O caixão, que marchava na frente, milhares de flores o cobriam, que longos dias ainda hão de perfumar as trevas d'um tumulo, tão regadas iam por muitas lagrimas. D'uma criança linda, com pouco mais de vinte annos, cuja luz e perfume lembrava uma manhã de primavera, quanto restava na terra ali encerrado n'aquellas tabuas para sempre. A imagem toda de branco vestida, que alguns olhos mais costumados a ver as coisas de Deus, haviam avistado sumindo-se no azul, para lá fugira entornando saudades. Quando os olhos se cançam de chorar, com as lagrimas nos corações, e dão vida a quanto d'uma vida nos restou.

Para que citarmos o nome do anjo que bateu azas! Lisboa inteira se commoveu ante o acto cruel d'um pae que a dôr pregara ao caixão da filha, da filha que lhe era maior gloria e melhor arrimo da vida de luctador.

A morte foi d'esta vez cruel porque apagou uma alegria brilhante; é outras vezes grande amiga quando vem dar o golpe final n'uma vida de martyrios. Com um sorriso de gratidão seria recebida por D. Frederica de Mascarenhas, ultima da geração do Conde de Sabugal, D. Luiz, pobre senhora que no curto espaço de dois annos, vira morrer sua mãe e seus tres irmãos, todos levados pela tísica, que afinal misericordiosa a victimou também.

De luctos fora a semana já entristecida pelas exequias, que, em Lisboa e no Porto, se realisavam pelas almas dos fallecidos no grande desastre da explosão do *Aquidaban*.

A igreja de S. Domingos mal podia conter quantos se desejavam associar a esta manifestação de dôr. Todas as pessoas reaes se fizeram representar. Orpou eloquentissimamente o padre Antonio de Almeida, capellão do real sanctuario de Obidos, e que é hoje um dos melhores oradores sacros de Portugal. A missa cantada foi a de Cherubini, sendo a orchestra e côros do real theatro de S. Carlos, regida pelo maestro Mancinelli.

Como diziamos na nossa ultima chronica, os instrumentos de guerra, são ás vezes temiveis ainda em tempo de paz. São-o assim de sua natureza. Ha poucos dias tivemos a prova n'aquelle palhobote que foi mettido no fundo por um dos grandes couraçados da esquadra ingleza, quando este manobrava na bahia de Lagos.

Todos lamentam a sorte do piloto Carlos Hygino de Moraes. El-rei de Inglaterra telegraphou logo ao sr. D. Carlos manifestando-lhe seu pesar pela catastrophe. Os tripulantes do palhobote salvos mostram-se reconhecidos pela forma por que foram tratados pela tripulação do cruzador inglez. O contra-almirante Neville que o commandava, pesaroso pelo acontecimento, prometteu satisfazer toda a despeza para enviar a suas terras os pobres marinheiros.

Amanhã, segundo se diz, os navios inglezes, que hoje se devem abastecer do carvão necessario, deixarão as aguas portuguezas.

Para a cidade de Lagos tem sido estas visitas dos inglezes uma grande riqueza. Os mercados são como os d'uma cidade da maior importancia. Só de laranjas tem ali chegado centenas de carroças.

Vila e alegria não faltaram agora á cidade do Algarve.

Tanto no almoço offerecido a El-Rei pelo almirante Wilson, a bordo do couraçado *Exmouth*, como no jantar que, a bordo do couraçado *Caesar*, foi pelo almirante Cruzon Howe offerecido ao commandante e officiaes do *Vasco da Gama*, os brindes que se trocaram entre portuguezes e inglezes foram o mais affectuosos possivel.

O almirante Wilson agradeceu a maneira por que as esquadras eram sempre recebidas em Lagos, sendo as amabilidades de que era devedor superiores a quantas costumava em outros portos receber. O almirante Howe, fazendo o elogio da marinha portugueza, classificou-a de mãe de todas as marinhas.

Almirantes e officiaes inglezes procuram, por quantas maneiras lhes são possiveis, agradar aos portuguezes.

No sabbado de entrudo realisou-se a bordo do *Exmouth* a representação d'uma opera comica intitulada *Pinefore* ou *O amor d'uma rapariga por um marinheiro*. Os papeis de mulheres eram também representados por homens, tal qual como aqui nas representações dos estudantes. Parece que a peça era boa e que todos andaram bem, divertindo-se.

Não seria por motivo de carnaval, coisa que pôde dizer-se ignorada em Inglaterra. A alegria para elles não está, como entre nós, apontada nos almanacks; e effectivamente melhor é divertir-se cada um quando quer, do que ir ver pela manhã á folhinha se o dia é de risos forçados ou de lagrimas hypocritas.

Divertiram-se os inglezes em Lagos; trataram os portuguezes de se divertir, como puderam, em Lisboa e no Porto.

Pena foi que o tempo não ajudasse mais um bocado as festas da rua. Sob um céu côr de chumbo, não é facil a alegria, como sob um azul de primavera, da primavera, que já nos quer mandar sua guarda avançar, n'uns botõesinhos a tentarem abrir-se nas arvores dos pomares e nas olaias das alamedas.

Ainda assim, as ruas por onde passaram as mascaradas animaram-se bastante.

Os batalhões carnavalescos e os carros enfeitados desfilarão entre as alas dos curiosos, chamando muito a attenção, uns conquistando applausos, outros, com certo espirito, fazendo rir. Passavam danças e cegadas, passavam creanças alegres, que para estas sobretudo é que são bem vindos estes dias. Tiveram ellas seus bailes, e que differença não houve entre as alegrias dos pequenos e as que, horas depois, avinhadas, fizeram estremecer os madeiramentos da sala! De dia expansões de creanças; á noite, obscenidades de bebados.

Ditos de espirito, claro está que nem um só se pronunciou que ficasse digno de archivo. Ha muitos annos que o maior prazer fornecido por um baile publico é o da gente ir-se embora. E' a surpresa que se espera que obriga a comprar o bilhete, e a surpresa nunca chegou, nunca chega, nunca ha de chegar.

Muitas sociedades particulares dão bailes n'estes dias de carnaval e decerto os que n'elles passaram duas horas as darão por mais bem empregadas que os infelizes dos bailes publicos, muita vez voluntariamente alcoolizados, como voluntariamente se chloroformisa o que vai operar-se, e exactamente pelo mesmo motivo.

Em muitos asylos e collegios, também houve festas, recitações, theatradas. E' ahí, sim, divertiam-se os rapazes. Ahí communicavam jubilo á

gente as gargalhadas atroadoras, o ar de festa que se respira a.

Os theatros publicos pouco apresentaram novo. Só a Rua dos Condes esperou pelo carnaval para nos dar a revista, que nos dizem ter muitissima graça, pelo que felicitamos o nosso querido amigo Salvador Marques. O theatro de D. Maria organizou uns espectaculos com o *Cornelio Guerra* e o *Avarento* desempenhado por mulheres, em que muito Brazão e a Adeliã nos fizeram rir.

Quarta-feira de cinzas. E' tarde de mais para ainda falarmos n'isso.

JOÃO DA CAMARA.

A CATASTROPHE DO "AQUIDABAN."

As exequias na igreja de S. Domingos

No dia 23 do corrente realisaram-se no magestoso templo de S. Domingos, as exequias por alma das victimas da catastrophe do *Aquidaban*, promovidas pela colonia brasileira em Lisboa.

Foi uma solemnidade imponente e ao mesmo tempo commovedora, pelo motivo que ali reunia tão numeroso auditorio, principiando pelos representantes da Familia Real, sr. Conde de Tarouca, representando El-Rei D. Carlos, sr. Conde da Ribeira, representando a Rainha Senhora D. Amelia, srs. Conde de Redondo e Vimioso, representando a Rainha Senhora D. Maria Pia, sr. D. Antonio de Noronha Paraty, representando o Principe Real e o sr. Francisco Serpa, representando o Infante Senhor D. Alfonso, a que se seguiram os representantes das casas militar e civil de El-Rei, os srs. g. neraes Francisco Maria da Cunha e Craveiro Lopes, contra-almirante sr. Guilherme Capello, coroneis srs. Malaquias de Lemos, Moraes Sarmento, Sousa Machado, major sr. José Lobo e os srs. Marquez de Castello Melhor e de Sousa Holstein, srs. Condes de Arnos, de Sabugosa e de Mesquitella.

Concorreu todo o corpo diplomatico, ministerio, Governador Civil e Presidente da Camara Municipal de Lisboa, officialidade superior do exercito e da armada, ministros de estado honorarios srs. conselheiros Hintze Ribeiro, Moraes de Carvalho, Telles de Vasconcellos, Wenceslau de Lima, Rodrigo Affonso Pequeto e Ministro do Brazil com todo o pessoal da legação; consul do Brasil e todo o pessoal do consulado, membros da colonia brasileira, representantes do commercio, da imprensa, etc., occupando boa parte do corpo da igreja, sendo a restante para o povo que, em grande quantidade, enchia completamente o templo.



PADRE ANTONIO D'ALMEIDA

A' magestosa architectura do templo de S. Domingos juntavam-se as ricas armações de veludo e de damasco negros reluzentes de bordados e franjas de ouro. No cruzeiro levantava-se uma imponente eça de quatro corpos, revestida também de veludo onde avultavam bordaduras e galões de ouro e de prata, cercada, de duzentos lumes dispostos em grandes ocheiros e serpentinas.

Na capella-mor, ao lado do Evangelho, estava armado o solio, onde sua Eminencia o Cardeal Patriarcha tomou assento, acompanhado pelo presbitero assistente, reverendo conego monsenhor Sá Pereira, e pelos diaconos reverendos conegos Teixeira e monsenhor Carlos Rego.

Celebrou a missa o reverendo prior Damasceno Fiadeiro.

Terminada a missa Sua Eminencia o Cardeal Patriarcha paramentou-se e veio até junto do catafalco tomando logar no *transepto* e ali lançou as absolvições.

Entre o *Requiem* e o *Liberamé* subiu á tribuna sagrada o reverendo Padre Antonio d'Almeida, que veio expressamente de Obidos, convidado para proferir a oração funebre.

Esta oração impressionou fundamente o auditorio, exprimindo o grande sentimento, em que a alma e o coração do orador se expandiu em rasgos de eloquencia impolgante.

Dessa bella peça oratoria conseguimos obter alguns excerptos que damos a nossos leitores.

Uma prosopopeia, e um § do sermão

I

O brasileiro! O repatriado portuguez, que das terras dos nossos irmãos d'alem-mar trouxe farto pão do corpo, e tantissimas vezes tambem o do espirito!

Comtemplémol-o *ab ovo*. E' bem digno d'isso. Permitti a autoapresentação d'elle. Vae falar: ouvi-o.

§

—Na terra que nos viu nascer, ou ali cêrca, ha a Igreja, a Hermida, aos pés de cujas imagens nossas Mães nos ensinaram a pedir a Quem tudo póde.

Antes de partir para o Brasil fazemos a —Promessa—.

—Senhor! Senhora! Santo ou Santa da nossa devoção, plena de fé! se voltar bem se tiver sorte

E quantos castellos d'affecto e de gloria não architectamos então sobre os altares d'esta piissima crença!

Oh! os sonhos da mocidade!... As esperanças queridissimas n'um futuro prospero!.....

Para o Brasil se vae pobre de meios economicos, mas rico de fé em Deus, e, por elle, no futuro, — que a Deus pertence.

Sustentam sobre os mares da vida esta fé, — quaes azas de condôr — as fortes esperanças na confraternidade luso-brasileira d'alem-mar.

Para se em Terras de Santa Cruz.

Labuta-se; aneia-se; orvalha-se tudo isto com as bagádas do suor da faina, e com as lagrimas das saudades da patria queridissima.....

Se se merêce de Deus boa sorte, volta-se de lá abastado, rico, — riquissimo! —

§

Falou o brasileiro.

Seja-me permitido, tambem, o falar eu d'elle agora.

Bemdicto seja o brasileiro, sempre prompto a concorrer com os seus haveres, ás vezes tão penosamente alcançados! para todas as boas obras da Mãe Patria, já por meio dos legados pios, já dando com larga mão para os estabelecimentos de caridade, já semeando escolas por este pais

O ensino, senhores meus: — as escolas primarias; o pão do espirito!

Nec sollo pane vivit homo. E' de Deus esta phrase. Deus beatifica os que põem por obra as suas divinas palavras: — *quinimo beati qui audiunt verbum Dei, et custodiunt illud*. E tudo isto nos vem do Brasil, d'esse Eldorado vivificante, — desse pais com quem óra choramos tão grande dôr!

UM TRÊCHO DA PERORAÇÃO

Portugueses! Se um dia miasmas da insanía aglomerarem sobre a Mãe-patria letaes soffrêres que nol-a matem!

(Que horror! Cortam o coração, põem na alma um inferno estes cuidares!)

Se um dia, pois, da Mãe-Patria nos não restar mais do que a sepultura, na valla rasa onde as nacionalidades perdidas se sepultam! — depois de cobrirmos de lágrimas essa sepultura amada, vamos por esses mares, pobres poentes da gloria, para onde o poente do sol nos aponta rumo.

A Terras de Santa Cruz iremos parar por certo. E, ao desembarcarmos lá, dezenas de milhões de mãos de irmãos nossos se nos estenderão: e dezenas de milhões de bocas sobrepujantes de coações confraternissimos nos dirão:

— Eis a vossa patria.

A Mãe Patria não morreu: vive aqui! — *Non moritur, vivitur*.

(E, depois duma grande pausa): *Non moritur, vivitur*.

Mas não hade morrer a nossa nacionalidade,

porque quer Deus, quiz Deus, e hade querer Deus dar-lhe uma tão potente vitalidade, que nem os males internos, nem os externos lh'a poderam ou podem ou poderão extinguir!!

Coisas internas levam Sancho 2.º ao leito hospitalar, e d'este á morte em terras extranjeiras: A Mãe patria sente, fundo, no coração esse golpe... Mas não morre!

Surge, após, vivida e formosa no sadiissimo abril de D. Diniz!

Depois rõe-lhe o peito um cancro mas logo lh'o extirpam as espadas de Nun'Alvares e do Mestre d'Aviz!

E, como d'essa estirpante estirpe surge bemdicta essa prôlle que — por mares nunca d'antes navegados — mandou o Gama, e mandou Pedr'Alvares Cabral...

Lembras-te, Brasil, irmão queridissimo, irmão brilhantissimo, irmão tão pujante, — nosso amado irmão pungido agora!

Doeu-te fundo, infernalmente fundo o golpe horrivel da catastrophe do *Aquidabam*! — Doeute?! — DOEU-NOS!!

Mas, se dôres quejandas, maiores até, nos não prostraram letalmente a nós, ha de esta, — apesar de tão infernal! — prostrar-te a ti?!

A Ti — O' Eldorado do mundo velho!

A Ti, O' brilhante do novo mundo!

A Ti que possues uma mentalidade tão completa e complexa!

A Ti que em menos de meio seculo tens ido até essa assombrosa altura de civilisação e progresso!

Não morres, ó nação irmã, posto que fundo

de infernal penetração e dolencia fosse o golpe que recebeste! *Non moritur vivitur*.

Olha, Nação J-mã: a nós quando mais nada nos restasse, quando nós não tivéssemos tido e houvessemos de ter cabeças salvadoras que, desde as cingidas pelas régias corôas até ás coroadas pelas patrioticas benemerencias, nos tivessem salvo, e nos houvessem de salvar em todos os maus lances da nossa existencia, teriamos Aquella Cabeça que ali está corôada de espinhos, Sobreposta áquellas Cinco Chagas, que ella nos deu para nos salvarem, desde Ourique até..... — até sempre! — postas na Bandeira Gloriosa da nossa nacional fé, e na fé salvadora da nossa divina Crença!

E Tu, queridissimo e dolorosissimo irmão, terias e terás sempre, a estrella brilhante d'esta crença, que é tambem a tua, — bemdicto sejas, — estrella que te multiplicaste em feitos assombrosos de mentalidade e progresso, para constelar com essa multiplicação a Bandeira bemdicta do teu Brasil queridissimo!

Nacionalidades que teem homens e feitos taes não morrem! Vivem! *Non moritur, vivitur*.

Vitalisam se com suas obras.

Para estas sumptuosas exequias foram convidadas a orchestra e os coros do Theatro de S. Carlos sob a direcção do maestro Mancinelli, assim como os cantores Mentaste, barytono, Vinã, tenor, e Galli, baixo.

A missa e *requiem* foram de Cherubini, e o *Liberamé* de Freitas Gazul, cuja execução, sob a regencia de Mancinelli, foi magistral.

As bodas de Prata dos Imperadores da Allemanha



S. M. O IMPERADOR GUILHERME II



S. M. A IMPERATRIZ AUGUSTA VICTORIA

Passaram hontem as bodas de prata, ou vigésimo quinto anniversario do casamento do Imperador Guilherme II da Allemanha com a princeza Augusta Victoria Frederica Luiza Fedora-Jenny de Slesvig-Holstein o qual se realisou a 27 de fevereiro de 1881.

O imperador Guilherme tinha então 22 annos, pois nasceu a 27 de janeiro de 1859, filho do principe herdeiro da Prussia, e neto do rei Frederico II que foi proclamado imperador da Allemanha em 18 de janeiro de 1871.

A imperatriz Augusta Victoria, filha do fallecido duque Frederico de Slesvig-Holstein, nasceu em Dolzig a 22 de outubro de 1858.

D'este consorcio nasceram: Frederico Guilherme Victor Augusto Ernesto, principe herdeiro, o qual nasceu a 6 de maio de 1882.

Guilherme Eitel Frederico Christiano Carlos, que nasceu a 7 de julho de 1883.

Adalberto Fernando Bérenger Victor, que nasceu a 14 de julho de 1884.

Augusto Guilherme Henrique Gouthier Victor, que nasceu a 26 de janeiro de 1887.

Oscar Carlos Gustavo Adolpho, que nasceu a 27 de julho de 1888.

Joaquim Francisco Humberto, que nasceu a 17 de dezembro de 1890.

Victoria Luiza Adelaide Mathilde Carlota, que nasceu a 13 de setembro de 1892.

Foi no meio d'esta numerosa prole que os imperiaes conjuges celebraram as suas bodas de prata, muito em familia, sem ruidosas festas publicas, porque assim foi vontade do imperador.

Guilherme II declarou que estimava que, em logar das festas publicas para celebrar as suas bodas de prata, se fundassem institutos de ensino e de beneficencia, para commemorar aquelle anniversario.

Esta commemoração é de mais alcance e de resultados mais praticos para o seu povo e engrandecimento da Allemanha, o que é a constante preocupação de Guilherme II.

A seguinte noticia transmittida pelo telegrapho bem confirma o que acima dissemos:

«Na recepção dada no paço de Berlim por occasião das bodas de prata, o imperador Guilherme respondendo á allocução de seu irmão o principe Alberto, felicitan-lo-o em nome do exercito e da armada, disse:

«O meu primeiro pensamento e o meu ultimo são as minhas forças combatentes de terra e mar. Deus queira que se não apresente o caso da guerra; mas se alguma tivesse de apresentar-se estou certo de que o exercito daria as suas provas como ha trinta e cinco annos».



CONSELHEIRO QUEIROZ VELLOSO

Conselheiro Queiroz Velloso

Ilustra hoje as paginas do OCCIDENTE a effigie do sr. conselheiro Queiroz Velloso, um dos vultos mais prestimosos e considerados da politica portugueza e que da maneira mais intelligente e pundonorosa tem sabido honrar a patria e as brilhantes tradições do partido regenerador, a cuja bandeira se acolheu como soldado fiel, entusiasmado pelo esplendor que irradiaram homens eminentes da estatura do duque de Saldanha, Fontes Pereira de Mello, Rodrigo da Fonseca Magalhães, An-

tonio Rodrigues Sampaio, etc., que, com grande notoriedade, militaram no mesmo campo politico.

O entusiasmo do novo partidario foi tal, sempre conduzido com tanto criterio e lealdade, que em breve espaço de tempo o vimos eleito presidente da camara municipal de Evora e deputado ás côrtes, cargos de que se desempenhou brilhantemente, com o applauso até dos proprios adversarios.

José Maria de Queiroz Velloso cursou com distincção a escola medica do Porto, e, concorrendo por provas publicas ao logar de professor do lyceu de Evora, obteve classificação honrosa, sendo immediatamente despachado. A estima que os eborenses lhe dedicaram, dentro em breve se manifestou de forma mais peremptoria, com a sua dupla eleição, como acima disse.

Mas seria, na realidade, cruel que os altos merecimentos do illustrado pedagogo ficassem manietados n'um simples lyceu da provincia, e, é assim, que ascendeu, tambem por concurso, a lente do curso superior de letras e a chefe da 3.ª repartição da Direcção Geral de Instrucção Publica.

Ao ensino dos povos, que infelizmente anda algo descurado no nosso paiz, tem o sr. conselheiro Queiroz Velloso prestado relevantissimos serviços, e poucos lhe dedicam tanto interesse e desvelo. Não só no exercicio dos importantes mandatos que lhe tem sido commettidos no magisterio e na burocracia, mas tambem na tribuna, nos jornaes e no livro, tem pugnado com entusiasmo por tão santa causa.

Ha cinco annos, sendo presidente do conselho e ministro do reino o preclaro estadista sr. conselheiro Hintze Ribeiro, atravessou a vida politica do partido regenerador uma crise bastante



VIANNA DO CASTELLO—Paços do Concelho

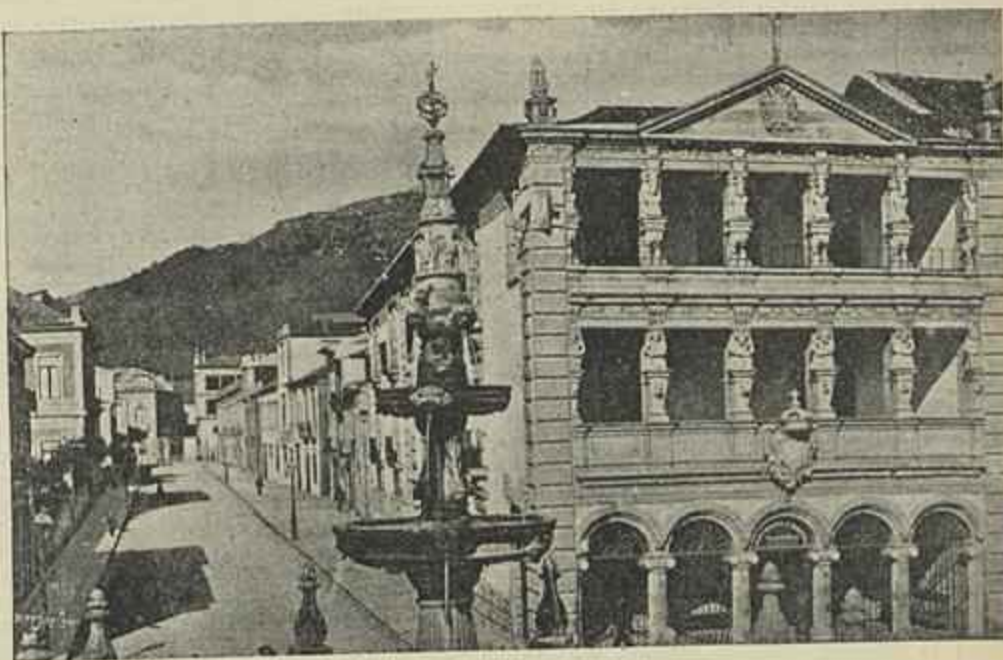


VISTA PANORAMICA

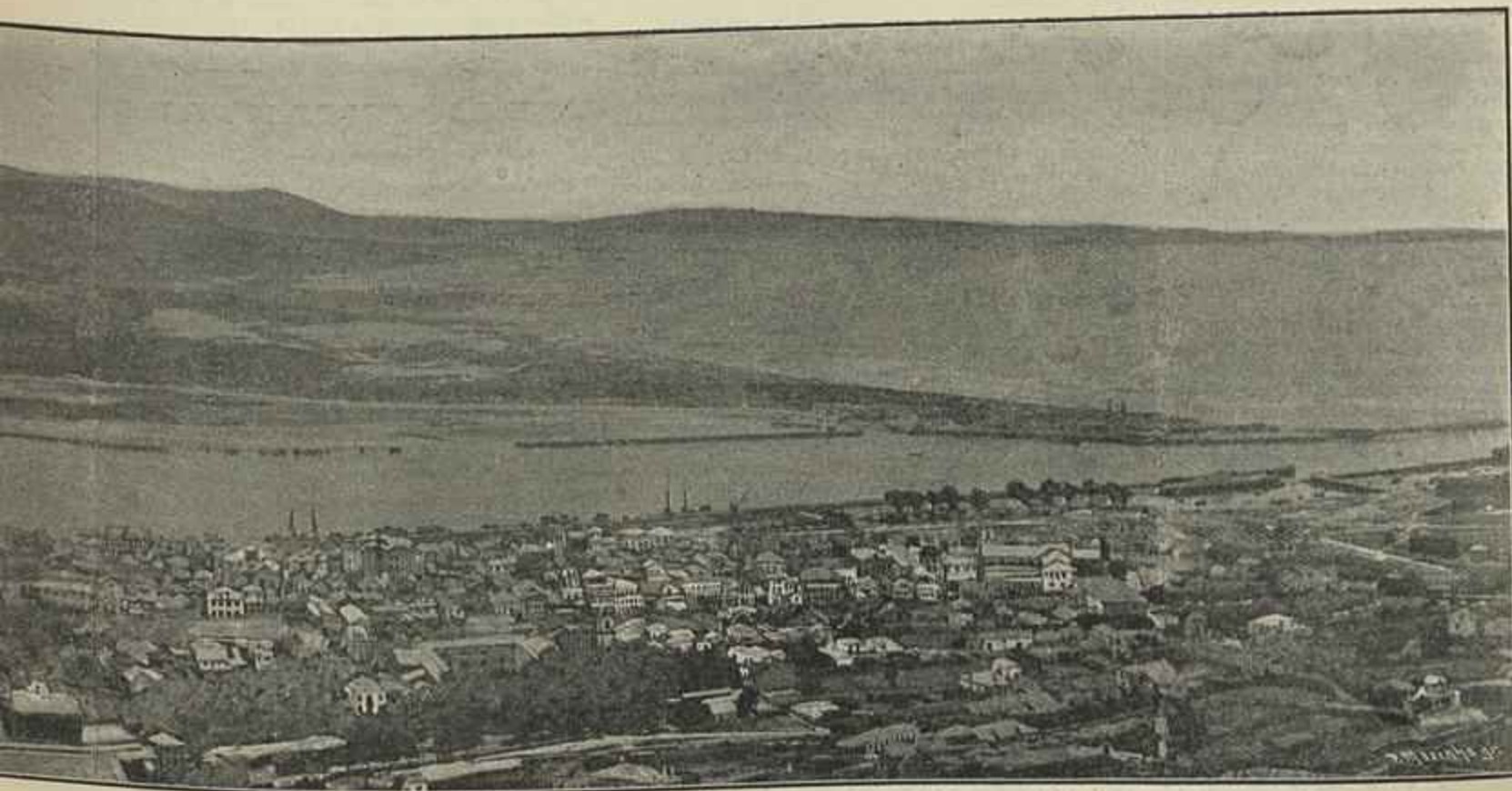


VIANNA DO CASTELLO—Estação do Caminho de Ferro

grave, promovida por uma abrupta scisão. Necessitou, portanto, o glorioso chefe do governo d'então, de se socorrer, n'essa difficil conjunctura, dos seus correligionarios leaes e de valor e lembrou-se do nosso biographado convidando-o para governador civil do districto de Vianna do Castello. Apesar de ser a sua terra natal, o sr. conselheiro Queiroz Velloso era apenas ali conhecido de nome, porque a abandonára muito novo ainda, para completar a sua carreira litteraria. Mas houve-se com tanta compenetrção no desempenho das suas funcções, sabendo ser benevolente e energico, conforme as circumstancias demandavam, provando em fim a lucidez do seu fino espirito, que por certo não houve, nunca, quem fosse mais correcto em tão importante missão administrativa. E, como felizmente ainda existe na nossa terra quem saiba fazer justiça, Sua Magestade El-Rei, o sr. D. Carlos, entendeu por bem agraciá-lo o nosso biographado com a gran-cruz da ordem militar de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, merecidissimo galardão que nobremente grangeou.



VIANNA DO CASTELLO—Misericórdia, Chafariz da Praça da Rainha e Rua da Carreira



VIANNA DO CASTELLO

Esta altissima mercê do chefe do estado provocou uma das mais significativas manifestações de sympathia de que ha memoria:— os regeneradores de todo o districto de Vianna do Castello, adquiriram por meio de subscrição as insignias, e constituiram uma commissão de representantes dos diversos concelhos para as offerecerem ao illustre agraciado. Este acto foi revestido de desusada solemnidade, sendo lida por essa occasião uma bem redigida mensagem congratulatoria, em que se punham em relevo as virtudes civicas de tão prestante cidadão.

No parlamento tambem o sr. Queiroz Velloso muito se salientou, sendo sempre os seus eloquentes discursos escutados com acatamento.

Eis resumidamente o que tem sido o sr. conselheiro José Maria de Queiroz Velloso, caracter impolluto, possuidor de vasta intelligencia e um cavalheiro na verdadeira accepção da palavra.

Que elle nos perdôe a pobreza do estylo, que a sinceridade com que é dictado sobrelevará

VALENTIM PINTO.

VIANNA DO CASTELLO

Em 1847 um punhado de valentes, que não adheriram á revolução da Junta do Porto, acollheu-se ao castello de Vianna e n'elle se sustentou mezes, resistindo a forças superiores que o sitiavam, só rendendo-se quando lhes faltou completamente os viveres e as munições de guerra.

Este acto de heroísmo e de fidelidade á Rainha, foi premiado por D. Maria II elevando a, então villa, á cathedra de cidade com o nome de Vianna do Castello para memoria do facto.

E assim alcançou a antiga villa os fóros de cidade e se distinguio das outras villas do mesmo nome, denominando-se Vianna do Castello, titulo com que muito se honrou pela origem que teve.

Já El-Rei D. Sebastião lhe conferira o titulo de NOTAVEL em attenção á grande actividade de seus habitantes, que por sua desenvolvida navegação sustentavam importante commercio com as principaes praças da Europa. A este respeito diz Fr. Luiz de Sousa na sua obra *Vida do arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres*:

«Vianna, villa das mais insignes d'este reino, terra cheia de gente rica, e muito nobre, de grande tacto e commercio, por uma parte com as conquistas de Portugal, ilhas e terras novas do Brazil; por outra com a França e Flandres, Inglaterra e Allemanha, d'onde e para onde recebia (1500) muitos generos de mercadorias, e despedia outras; para as quaes traziam os moradores no mar grande numero de naus e caravellas, com grossas despesas, a que respondiam eguaes retornos e proveitos, que tinham a villa florentissima, e em estado de uma nova Lisboa...»

E mais adiante acrescenta:

«Mas nenhum commercio lhe tem montado tanto como o das terras novas do Brazil, que vae em tamanho crescimento, que ao tempo que isto escreviamos (1619) traziam no mar 70 navios de toda a sorte, com que a terra está massiça de riqueza, por que se estendem os proveitos a todos, succedendo nos mais dos navios serem armadores e marinagem tudo da mesma terra.»

Se fomos a investigar origens de Vianna, encontrariamos tantas quantos os auctores que d'ella se tem occupado em seus escriptos, remontando a epochas anteriores á fundação da monarchia portugueza, o que encheria algumas paginas d'esta revista sem resultado positivo para a historia d'esta povoação que foi surgindo na foz do rio Lima, e que em 1258 recebia o seu primeiro foral do rei D. Affonso III que lhe deu em Guimarães a 18 de junho d'aquelle anno.

El-rei D. Manuel, visitando Vianna em 1502, mandou restaurar o castello feito por D. Affonso III, e d'elle ainda hoje se vê a parte denominada da *Rogueta* por ser construida sobre uma pequena rocha. Como o povo de Vianna concorreu para estas e outras obras de fortificação, o mesmo monarcha o recompensou ampliando-lhe as isenções e privilegios com um novo foral, passado em Lisboa a 1 de junho de 1512, como se vê no *Livro de foraes novos do Minho* a fl. 79 verso col. 2.^a

Isto confirma a prosperidade de Vianna, que Fr. Luiz de Sousa refere, entretanto a dominação hespanhola trouxe-lhe grande decadencia, assim como a obstrucção da barra que impediu a passagem de navios de alto bordo, o que tudo concorreu para enfraquecer seu commercio.

As suas tradições maritimas, porem, não se apagaram e se a obstrucção da barra lhes não permittiu continuar no trafego das grandes embarcações, nem por isso deixou de manter a navegação, para o que os seus estaleiros e armadores apromptavam navios.

Hoje se já não tem a mesma actividade maritima d'outras eras, o seu commercio vae comtudo recuperando a sua antiga importancia, graças ao caminho de ferro e ás magnificas estradas que a põem em comunicação facil com todo o paiz.

Vianna do Castello está vantajosamente situada na margem direita do Lima, proximo á foz d'este formoso rio, o qual apresenta surprehendente aspecto em suas margens sempre cobertas de verdura e orladas de frondoso arvoredo, alternando com bonitas povoações donde destacam magnificos edificios particulares, egrejas e poeticas capellas alvejando suas torres e campanarios de aldeia.

De qualquer ponto da cidade se descobre vasta extensão do Oceano Atlantico, porem a vista que mais deslumbra é o soberbo panorama que se desfructa do alto de Santa Luzia, n'uma altitude de 680 metros acima do mar. Este monte é uma projecção da grande serra d'Arga e n'elle existia uma cidade romana como se vê dos vestigios que ainda lá se encontram. N'elle está construida a historica capella de Santa Luzia.

Para alem, a uns 400 metros ao norte do Cas-

tello, vê-se a bonita egreja de Nossa Senhora da Agonia com seu espaçoso adro, construida nos annos de 1752 a 1755, e onde annualmente, nos dias 18 a 20 de agosto, se faz uma das maiores festas da provincia do Minho, com feira franca, no vasto campo ao sul e este da egreja, que dura ordinariamente até o mez de setembro.

Aquelle campo, denominado da Agonia, é o mais bello sitio de Vianna e passeio preferido dos seus habitantes e forasteiros.

Vianna do Castello, uma das mais lindas cidades do Minho, é cabeça do districto administrativo, da comarca e do concelho do seu nome, no arcebispado de Braga. É comarca de primeira classe do districto judicial do Porto, tendo quatro julgados: o de Darque, Portozello, Vianna do Castello e Villa de Punhe. Pertence á 3.^a divisão militar e o seu castello está classificado como fortaleza de 2.^a classe. É uma das dezoito capitarias dos portos, departamento do norte, alfanega maritima de 2.^a classe com delegações em Caminha e Esposende.

A cidade tem duas freguezias: a de Nossa Senhora da Assumpção com 1.400 fogos, e a de Nossa Senhora de Monserrate com uns 1.000 fogos com população não inferior a 12.000 almas.

O districto administrativo, que abrange uma superficie de 225.288 hectares, com a população de 220.000 habitantes, comprehende 10 concelhos e são: Arcos de Val de Vez, Caminha, Coura, Melgaço, Monsão, Ponte da Barca, Ponte do Lima, Valença do Minho, Villa Nova de Cerveira e Vianna do Castello.

Desta grande população, uns 40.000 habitantes povoam as margens do Lima explorando a agricultura para cujos terrenos se prestam admiravelmente, havendo sitios que produzem tres novidades por anno. O concelho de Coura é especialmente abundante de milho, pelo que lhe chamam o *Celleiro do Minho*. O vinho verde de Monsão é outra especialidade conhecida em todo o paiz, e de todos os cereaes, legumes, fructas e hortaliças tem abundante cultura, mercê da fertilidade do solo.

A propriedade está muito dividida e por isso bem aproveitados os terrenos, pois que até os baldios foram divididos pelo povo, que os aproveitava semeando penisco e matto para adubos.

Tem grande criação de gados, especialmente bovino e ovino, o que lhe permite a fabricação de lacticinios de que o principal é a manteiga.

Com quanto Vianna do Castello não seja uma cidade industrial, a sua população, bastante laboriosa, entrega-se a varias industrias, de que mencionaremos as que ali tem maior desenvolvimento. Nestas se conta a de carruagens, a marcenaria, fundição de ferro, serração de madeiras, que exporta em grande escala. Uma outra industria pequena, mas florescente, é a da renda de bilros em que se occupam não menos de 300 feitureiras. D'estas rendas se faz exportação principalmente para o Brasil.

A laboriosidade d'este povo, que, infelizmente, nem em todas as terras do reino é secundada, é que fez de Vianna do Castello e seu districto uma das regiões mais ricas do paiz, e que, como se vê do que temos dito, vem de remotas eras até nossos dias.

A prosperidade de Vianna do Castello observa-se tanto no alargamento da cidade, como nos edificios que a embellezam. Os seus paços do concelho, de antiquissima construção, transportam-nos aos tempos aureos d'este povo; não menos notavel é o edificio da Misericordia cuja instituição data do anno 1520; construção bastante original, especialmente o frontispicio que apresenta duas ordens de varandas ou galerias, sustentadas por cariatides, terminando por um frontão em cujo vertice está um crucifixo, e nos acroterios as estatuas da Virgem e de Santa Maria Magdalena.

Em frente dos paços do concelho, situados no antigo Campo do Forno, hoje praça da Rainha, vê-se um chafariz, construido em 1554, notavel pela elegancia da sua forma monumental. Outros havia tambem de caprichosa architectura, mas tem sido demolidos por conveniencia da serventia publica, pois pejavam as ruas onde estavam.

A estação do caminho de ferro é das mais elegantes e grandiosas da provincia.

A fachada principal d'esta estação está dividida em cinco partes: corpo central, com andar nobre, duas alas e pavilhões com as competentes sobrelojas. Mede o edificio 70 metros de comprimento por 15 de largo; a altura dos pavimentos terrosos é de 7 metros, e a do corpo central de 14. Tem 16 janellas e 10 portas, cinco de cada lado que communicam com um corredor coberto e fechado por grades de ferro e columnas espaça-

das por elegantes arcos tambem de ferro, dando facil accesso dos pavilhões para o atrio. A decoração interior corresponde á boa apparencia exterior, tendo as salas magnificos estuques e pinturas, bem como o espaço o restaurante.

A delineação d'esta obra deve-se ao engenheiro sr. Alfredo Soares, e importou em 60.000.000 réis.

Muitos outros edificios publicos e particulares poderiamos citar, se não fosse já tão longa esta noticia, pois muitos nobres ali tem seus antigos solares a par das construcções modernas que embellezam a cidade e seus arrebaldes.

Por fim notaremos os lindos trajos que alguns povos do districto de Vianna do Castello usam. Extremamente elegantes e pittorescos, graciosos e coloridos, que bem vão ás formosas aldeias das cercanias da cidade, melhor se podem apreciar nas romarias e festas como as da Senhora da Agonia, a que nos referimos, e onde acodem em grande numero.

Ainda uma nota curiosa com a qual terminamos esta noticia.

Nos concelhos dos Arcos de Val de Vez e da Ponte da Barca, no meio das serras agrestes, vivem povos de costumes patriarchaes, constituindo uma especie de pequenas republicas, cujas povoações mais importantes são Suajo e Castro Laboreiro, na serra da Penada, e Britello, na serra Amarella.

CONTOS COR DE ROSA

Com um bellissimo e largo *Preamble* da illustre polygrapha sr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, que tão devotadamente se tem dedicado ao nosso lindo Portugal, está a sair dos prélos da conhecidissima Empreza da Historia de Portugal um novo volume da *Bibliotheca das Creanças* tão auspiciosamente encetada em 1898 por Henrique Marques Junior. D'esta *Bibliotheca* formam os *Contos cor de rosa* o setimo volume. Os anteriormente publicados são: *Contos de fadas*, de Charles Perrault; *Novos contos de fadas*, de Perrault e Irmãos Grimm; *Terceiro livro de contos de fadas*, *Historias da Carochinha*, de Grimm; *Aventuras do Barão de Munchhausen*, e *Céu azul*, de Hans Andersen. Todos estes volumes — em formato diamante e muito illustrados — são precedidos de prefacios de alguns escriptores de nomeada: José Sarmiento, Julio Brandão, Sousa Viterbo, Theophilo Braga, Visconde de Castilho; o prefacio d'este volume é firmado, como dissemos, por D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos. *Contos cor de rosa* são igualmente colligidos dos celebres Kinde-und-Halsmarchen, de Guilherme e Jacob Grimm; o conto que inserimos hoje faz parte d'esse novo volume; crêmos dar grande contentamento aos pequenos leitores do OCCIDENTE com a noticia de mais um livrinho para creanças e com a inserção da *Ran encantada*.

A RAN ENCANTADA

(DOS IRMÃOS GRIMM)

EM TEMPOS PASSADOS vivia um rei que tinha duas filhas lindas de uma vez, sendo, porém, a mais nova de tão excessiva formosura que até o proprio sol, quando os seus raios incidiam sobre ella, ficava boquiaberto de admiracão.

A pouca distancia do paço real, havia uma escura e espessa floresta onde, juncto de uma tilia, brotava uma abundante nascente. Todas as vezes que o sol estava no pino do calor a formosissima princesa escolhia para seu refugio e descanso esse local, sentando-se á beira da nascente crystallina; quando se sentia aborrecida, pegava n'uma bola d'ouro e atirava-a ao ar, aparando-a na mão. Era este o seu mais ingenuo e vulgar passatempo.

Ora, succedev em certo dia que a bola d'ouro, em vez de lhe cair, como de costume, na mão, que a encantadora princesa tinha erguida para a apanhar, foi parar ao chão, d'onde rolou para a agua. A mocinha seguiu-a com os olhos, mas a bola depressa desapareceu, visto a nascente ser tão funda que nada se podia ver do que lá caísse, apezar da limpidez da agua. Ao dar pelo desaparecimento do innocente brinquedo desatou a chorar. Estava n'esta afflictiva situação quando sentiu uma voz dizer-lhe:

— Que tens, linda princesa? Soluças de tal maneira, que chegas a commover as proprias pedras.

A princesinha olhou para todas as bandas a ver se descortinava quem assim se lhe dirigia; e

após muito buscar com a vista é que reparou em uma ran que deitava a feia e disforme cabeça fóra d'água.

— Ah! és tu que me falas? — perguntou a princesa. — Choro por uma bolinha d'ouro que me caiu para o fundo d'esta nascente.

— Não te apoquentes mais; — redarguiu a ran — eu posso auxiliar-te; mas em troca que me das tu, se te restituir o teu brinquedo?

— Tudo o que quizeres, minha boa ran: os meus vestidos, as minhas joias e, mais ainda, a corôa que trago.

A ran retrucou: — Não quero nem os teus vestidos, nem as tuas joias, nem a corôa que cinges; quero outra cousa: é que me consagres o teu amor; que me promettas fazer de mim a tua companheira de brinquedo; consentindo que me sente a teu lado á mesa; que coma pelo prato d'ouro d'onde comeres, que beba por onde beberes, e que durma contigo; se consentes em tudo isto, desço ao fundo da nascente e trago a tua bola d'ouro.

— Pois sim! — respondeu a princesa, desejosa de re adquirir a bola — prometto fazer tudo o que me pedes, mas traz-me a bola.

Na sua mente pensava todavia: — Esta ran está a devanear com certeza; o seu lugar é nos charcos ao pé das suas semelhantes; é ali que deve coaxar e não se pôde tomar por companheira de gente.

A ran ainda bem não tinha obtido a promessa e já a sua cabeça desaparecia na agua e mergulhava. Em menos d'um segundo tornou á superficie com a bola na bocca; trepou vagarosamente para a beira da nascente e colloca a bola em cima da relva.

A vista do seu precioso brinquedo ficou alegríssima a princesa que, depois de o apanhar, desatou a fugir.

— Espera por mim, espera por mim, — gritou-lhe a ran — leva-me contigo; bem vêes que não posso andar tão ligeira como tu!

A pobre ran bastante se esalfou a gritar *coax*, *coax*!, mas a formosa princesinha não se dignou attendel-a e redobrou de presteza. Esquecera-se já de que sua bemfeitora havia descido ao fundo da nascente para a servir!

No dia seguinte, quando a princesa estava á mesa, com o rei e comitiva, sentada ante o seu prato d'ouro, ouviu-se um ruído lento e surdo como de cousa que trepasse pela escada de marmore acima. Quando essa cousa chegou ao cimo bateu á porta, gritando:

— A princesa mais nova que me abra a porta!

A princesa ergueu-se para ver quem era, e apenas entreabriu a porta, deparou com a ran no patamar. Rapidamente, fechou a porta e tornou para junto do pae, mas com o coração inquieto.

O rei, vendo o continuo e arquejante arfar da filha perguntou-lhe:

— Que tens, minha filha? Era por acaso algum gigante que te queria raptar?

— Quer Deus que não seja! — retorquiu a princesa. — Não é um gigante, mas é uma ran que hontem na floresta me foi apanhar ao fundo de uma nascente uma bola d'ouro que lá me caíra. Como compensação, prometti-lhe fazel-a minha companheira, na supposição de que o pobre amphibio não pudesse viver fóra d'água. Comtudo é ella quem agora me procura.

No momento em que concluía a narrativa, sentiu-se novo ruído ao mesmo passo que se ouvia a ran pedir á princesa que não se esquecesse do promettimento feito na occasião em que lhe fóra buscar a bola.

O rei disse então á filha que, visto haver promettido, não tinha remedio senão cumprir e que lhe fosse abrir a porta.

A tremula menina, ante o falar do pae, levantou-se, abriu a porta, e a ran entrou aos saltinhos e a foi seguindo até á cadeira em que esta se sentára.

Chegada que foi ahí, a ran parou e pediu que lhe pegasse ao collo. A princesa fez-lhe a vontade para obedecer ao pae. Apenas no collo, a ran disse que lhe acercasse o prato afim de também poder comer.

A filha do rei accedeu ao pedido, mas claramente se via que o fazia muito constrangida.

A ran estava toda satisfeita; em compensação, a pobre menina estava mal disposta. Terminada a refeição, a ran declarou que estava cansada e saciada, e o que queria era dormir. Pediu-lhe, pois, que fosse preparar a cama para se deitar.

A estas palavras, a infanta desatou em soluços, tão horrorizada ficou ao pensar na frialdade da pelle da ran e em que mal tocára, e que queria agora tomar lugar a seu lado na sua propria cama tão branca e cuidada. Entretanto o pae ra-

lhou-lhe, notando que quando precisára d'ella não se enojára tanto, e agora era preciso cumprir o que promettera.

Então, para obedecer ao pae, a princesinha tomou da ran com dois dedos, levou-a para o quarto, pôl-a a um canto e foi-se deitar. Ora, apenas a princesa se meteu na cama, a ran acerçou-se d'ella aos pulos e disse-lhe que estava cansada, que queria dormir tão commodamente como ella, e que a ajudasse a subir para o leito.

Esta exigencia irritou tanto a princesa que, cega de colera, pegou na ran e atirou com ella á parede.

— Agora já dormes descansada!

Mas, oh, surpresa! Mal a ran foi atirada á parede, metamorphoseou-se, por encanto, n'um bonito principe de olhos meigos e puros, que logo se deu pressa em contar á princesa como é que tinha sido mudado em ran pelo poder d'uma fada muito má e como fóra ella a única que conseguiu desencantá-lo.

A princesa ficou surprehendida, mas muito satisfeita, combinando-se desde logo que ambos partiriam de manhãzinha cedo para os novos Estados.

Não tardaram muito a adormecer, e no dia seguinte ao romper d'alva appareceu á porta do palacio um magnifico coche, puxado a quatro parelhas de cavallos brancos como arminho, ornamentados com plumas e ajaezados d'ouro. Na boléa vinha o laçao do moço rei, o fiel Henrique.

Este Henrique soffreu tal desgosto ao saber que seu amo fóra mudado em ran que se viu obrigado a apertar o peito com tres bandas de ferro, afim de que os baques de tristeza e desespero não lhe estalassem o coração. Declarou que o coche viera de proposito para levar o moço rei aos seus Estados. Após a entrada n'elle do rei e da noya rainha, o fiel Henrique tomou lugar na trazeira, com o coração a trasbordar d'alegria pelo desencantamento do amo. Não tinham ainda percorrido muito caminho quando sentiram atraz de si um ruído como de cousa que se quebra brusca-

mente. Voltando-se para traz, o rei observou: — Henrique, olha que o coche está a estalar; o ruído que ouvi não foi de rajada de vento, nem do acoutar das arvores.

— Não foi o coche que estalou, senhor, mas uma ficha de ferro das que me comprimiam o coração desde que aquella má feiticeira vos transformou em ran.

D'ahi a pouco repetiu-se identico ruído, e depois terceiro durante toda a viagem, e de cada vez o rei imaginou que era o coche a desmantelarse, mas veio a convencer-se de que não eram senão as bandas de ferro a estourar pela pressão do coração de Henrique, de tal maneira esse coração batia de satisfeito ao ver finalmente o amo liberto do encantamento e no auge da felicidade.

HENRIQUE MARQUES JUNIOR.

D. Alvaro da Costa

SEU RETRATO E SEPULTURA

Excerpto do cap. VII do Livro «A Santa Casa da Misericórdia de Lisboa»

(concluido do numero antecedente)

O tumulo de D. Alvaro, por elle mandado fazer, ficava á parte da Epistola da capella-mór, e tem uma inscripção que diz: ⁽¹¹⁾

D. ALVARVS COSTA HVIVS
AEDIS PATRONVS. SIBI ET SVIS
VIVVS POSVIT. MDXXXV

A sepultura de D. Manuel da Costa ficava do lado opposto da capella-mór, á parte do Evangelho, e tinha um letreiro que dizia: ⁽¹²⁾

SEPVLTVRA DE D. MANVEL DA COSTA
CAMAREYRO DO INFANTE D. AFFONSO
FILHO DE D. ALVARO DA COSTA,
FALECEO A 3 DE JVLHO DE 1532

No baixo da capella-mór havia duas campas rasas em que jaziam o filho D. Duarte e o neto D. Francisco. ⁽¹³⁾

Tendo cahido em ruinas o convento, e sido demolido, o governador civil de Evora officiu-

no Provedor da Misericórdia de Lisboa, em 16 de junho de 1900, e a Administração da Santa Casa, em sessões de 5 e 26 de julho, depois de ter reconhecido por indagações a que procedeu ser aquelle monumento uma obra de arte digna de ser conservada, com a ossada que contém, em um dos edificios da Santa Casa, resolveu solicitar do Ministerio da Fazenda a entrega do sumptuoso e artistico mausoleu. Parece, porém, que estas diligencias ficaram infructiferas.

O mosteiro foi, tempo depois da morte da ultima freira (que foi a priora), mandado demolir pela direcção das obras publicas do districto, a fim de desaffrontar as ruas de Machede e Mendo Estevens (vulgo rua da Senhora da Cabeça), e a area que occupava será transformada em um vasto largo.

As preciosidades que existiam no convento foram removidas umas para Lisboa e outras para o Paço archiepiscopal; os livros e archivos ficaram na repartição de fazenda do districto.

O tumulo de D. Alvaro, onde se encontraram os ossos, foi collocado em uma das paredes do Museu Archeologico Eborense, annexo á bibliotheca, onde depois de retocado ficou perfeitamente conservado. ⁽¹⁴⁾

VICTOR RIBEIRO.

¹¹ *Agiologio*, tomo II, pag. 285. Assim vem também na citada *Collecção de epistaphios e inscripções*, tomo I, ll. 126.

¹² *Idem*, *idem*.

¹³ Fr. Luiz de Sousa, *Historia de S. Domingos*, parte III, livro I, cap. XIV, pag. 57, edição de 1767.

¹⁴ Estas noticias foram obsequiosamente ministradas pelo sr. Henrique Freire, empregado da Santa Casa da Misericórdia da cidade de Evora e auctor de uma memoria publicada na *Academia* (periodico da mesma cidade) intitulada — *Nas ruinas do Paraiso D. Alvaro da Costa*. O mesmo senhor mandou tirar photographias do tumulo, do convento e das ruinas.

A cerca de D. Alvaro da Costa, informa-nos o mesmo senhor, existem varios documentos e pergaminhos no Archivo da Misericórdia de Evora.

Devemos a impetração d'estes esclarecimentos, bem como uma photographia do tumulo, a diligencias do nosso querido amigo Mario Tavares Móra, mallogrado moço, fallecido tragicamente em 21 de outubro de 1901.

A natureza e seus phenomenos

PARTE IV

OPTICA

CAPITULO II

DISPERSÃO E RECOMPOSIÇÃO DA LUZ

(Continuado do n.º 976)

O *microscopio composto* consta de duas lentes convergentes, sendo uma de foco curto. A objectiva produz uma imagem real, invertida e maior que o objecto, reproduzida entre o foco principal da ocular e esta, a qual funciona de *microscopio simples* para esta imagem, augmentando-lhe as dimensões.

Oculos — São apparatus destinados a vêr ao longe.

No *oculo astronomico* ha duas lentes convergentes. A objectiva tem uma grande distancia focal, dando origem a uma imagem pequena e invertida do astro que se observa, a qual se forma entre o foco da ocular e esta lente, que dá nova imagem, igualmente invertida, mas maior do que o objecto.

O *oculo terrestre* differe d'estes em que um systema de lentes permite fazer com que a imagem do objecto appareça direita, em relação ao objecto. Consta de tres tubos, movendo-se uns, dentro dos outros, estando os dois tubos dos extremos, munidos de lentes. Entre as duas lentes, ha outras lentes, destinadas a inverter a imagem dada pela objectiva, podendo as lentes moverem-se e graduarem-se, consoante a vista dos observadores, e as distancias a que se vêem os objectos.

Binoculos. Constam de uma objectiva convergente e uma ocular divergente que inverte a imagem da objectiva e diminue o comprimento do oculo, por causa da posição dos focos, visto que a ocular está collocada entre a objectiva e o foco principal. Dois *oculos eguaes* a este, e que possam mover-se, por meio de um parafuso collocado entre ambos, formam o *binoculo* ou *oculo de teatro*.

Telescopios — São destinados á observação dos astros, differindo dos *oculos*, porque na sua composição entram espelhos.

O *telescopio* de Newton consta de um comprido tubo, no fundo do qual ha um espelho curvo de metal, que dá uma imagem real do objecto sendo esta, depois, observada por lentes devidamente dispostas.

O espelho de metal, embaciando-se com a humi-

dade, hoje substitue-se este por um vidro prateado.

São sempre instrumentos de grandes dimensões, e com o auxilio de pequenos oculos annexos se podem procurar mais facilmente os astros que se pretendem observar, marcando-se pontos de referencia com outros astros.

(Continúa).

ANTONIO A. O. MACHADO.

NECROLOGIA

D. MARIA DA APRESENTAÇÃO
DE MADUREIRA E COSTA

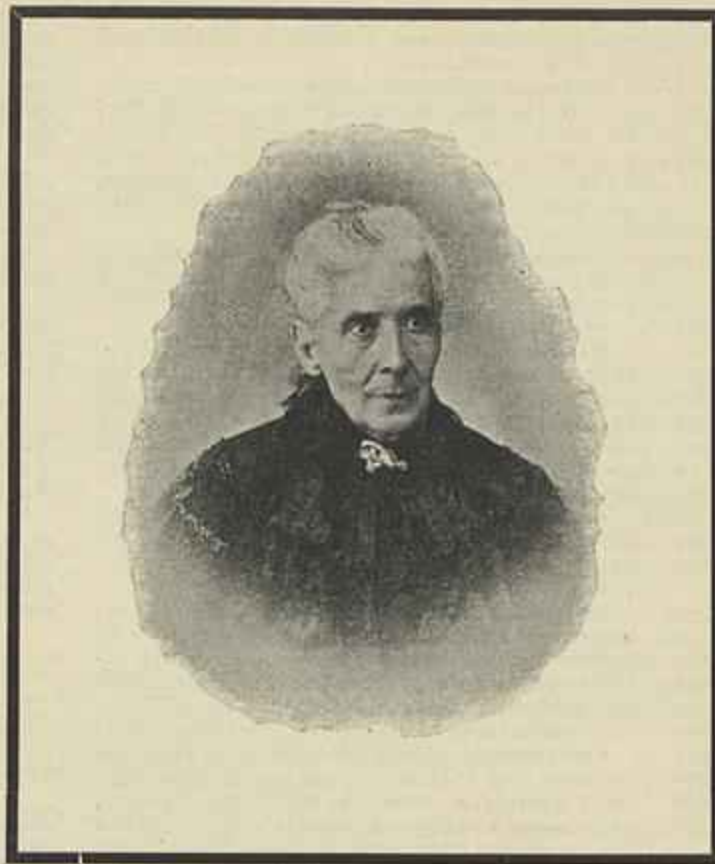
Ainda que eu falle nas linguas dos homens e dos anjos, se não tiver caridade, sou como o metal que soa ou como o sino que tina.

São Paulo.

D. Maria da Apresentação de Madureira e Costa foi uma eleita do Senhor.

A sua alma cheia de dons de Deus espalhava-os a jorros com aquella modestia que todos lhe conheciam. Era um vaso d'ouro e prata d'onde sahiam os mais bellos e suaves perfumes até junto do Throno do Altissimo. Passou no mundo fazendo o bem. A Fé, a Esperança e a Caridade eram a sua divisa. Tinha fé em Deus que não desampararia os infelizes que ella tinha adoptado, tinha esperança que lhes alcançaria o ceu, a caridade era o fogo ardente com que alimentava o seu coração, thesouro das mais altas e nobres qualidades.

Soffreu desanimos, ingratições, verdadeiras amarguras, mas se não as soffrera não seria ella



D. MARIA DA APRESENTAÇÃO DE MADUREIRA E COSTA

a imitadora de Christo, na paciencia, resignação e caridade com que enalteceu a sua vida de christã. Do Divino Mestre aprendeu a amar e a perdoar. O seu coração era uma fortaleza em virtude, lim-

ga e admiradora me dicta entre lagrimas de muita saudade.

Braga, 18 — 2 — 906.

MARIA SALOMÉ.

ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900

Elagífico sortimento de fazendas
nacionais e estrangeiras

R. do Alecrim, 111, 1.º (á P. Luiz de Camões) — LISBOA

Methodo Berlitz

LISBOA

PORTO

R. do Alecrim, 20 A
1.º e 2.º andar

Rua Sá da Bandeira, 259

Dois medalhas de ouro e prata
Exposição Universal de Paris de
1900 Grand Prix—
Exp. de S. Luiz 1904
Exp. de Liege

THE BERLITZ SCHOOL OF LANGUAGES
Academia do Linguas Vivas

Ensino pratico

FOR

Professores estrangeiros

Professores de S. M. El-Rei D. Affonso XIII
Professores de S. A. o Principe Real da Alemanha
Professores de S. A. o Principe Friedr. Willh. da Prussia, etc.

ENSINO INDIVIDUAL e em CLASSES GERÁES, separadas para HOMENS e SENHORAS
Allemão, inglez, francez, italiano, hespanhol, portuguez

Os cursos da Academia BERLITZ funcionam todos os dias das 8 da manhã ás 10 horas da noite

Atelier Photographique, FRAGA

Largo da Abegoaria, 4 — 66, Rua Serpa Pinto — LISBOA

SUCCESSOR DE MARTINEZ

Travaux photographiques en tous genres, depuis médaillon jusqu'à grandeur naturelle, par les procédés instantanés les plus récents, donnant les meilleurs résultats pour les enfants et tous les sujets animés. Poses et effets de lumière artistiques. Spécialité de la Maison *Platinotype & Chromotype*. Archives de 30.000 clichés qui peuvent être reproduits en indiquant l'année et le mois de la pose.

Travaux à domicile. — On parle Français, Anglais & Espagnol

CASA BANCARIA

José Henriques Totta

69, 75, Rua do Ouro, 69, 75
LISBOA

Santos Camiseiro

24, PRAÇA DE D. PEDRO, 25 — ROCIO

«— LISBOA —»

Sempre bom sortido de camisas, camisolas, meias, peugas, gravatas, punhos, collarinhos e muitos outros artigos de phantasia, como botões para collarinhos e punhos, carteiras, malas para viagem e lençaria.

ESPECIALIDADE EM CAMISAS PARA CASACA

(o que ha de mais moderno)

Executa-se toda a rouparia por medida



A melhor agua de mesa conhecida

AGUAS MINERAES DO MONTE BANZÃO-COLLARES
GAZOSAS LITHINADAS

Deposito geral:

Rua do Arco do Bandeira, 216. 1.º

LISBOA

LE DICTIONNAIRE

DES SIX LANGUES

Médaille à l'Exposition Universelle
de Paris de 1900

Français, Allemand, Anglais Espagnol,
Italien et portugais

Prix 25 francs ou 1 £

Editeur — Empresa do Occidente — Lisbonne — Portugal

PHOTOGRAPHIAS

A Redacção d'O OCCIDENTE acceta photographias de todos os assumptos de interesse e de actualidade, tanto de Portugal como do Estrangeiro, as quaes serão publicadas, vindo acompanhadas das indicações indispensaveis para o respectivo artigo.